

MUDANÇAS SOCIAIS / MUDANÇAS MUSEAIS

Nova Museologia/Nova História - Que relação ?

Maria Mota Almeida

O objectivo deste nosso trabalho é analisar a forma como a Museologia nos deve aparecer integrada na mudança geral da sociedade

Temos de ter presente que as mudanças sociais são acompanhadas por alterações nas grandes concepções sobre a forma de estar no mundo. Estamos numa era em que os acontecimentos se sucedem a uma velocidade quase assustadora. Há uma explosão das ciências; assistimos á terceira revolução industrial, ao fenómeno da planetarização; nada se passa numa parte do mundo, que não se tenha conhecimento dela segundos depois através dos mass - media. Tudo isto conduz a um questionamento permanente do saber e leva à relatividade do conhecimento: “vamo-nos aproximando cada vez mais do longínquo” (Heidegger). Temos a desconstrução, o vazio e o efémero. O homem é o agente principal desta mudança e também o seu principal visado.

A História “ciência dos homens no tempo” vai a partir de meados do século, reflectir esta mudança. A concepção de História muda porque o mundo muda.

Que reflexos terão estas mudanças na Museologia? Será que a Museologia deve acompanhar o seu tempo, ou deve ser um lugar à parte onde se privilegie o fascínio pelo silêncio, pelo lúgubre, pelo formal, pela sacralização do objecto, em que os conservadores conservam e o público observa, atentamente, sem estragar, sem tocar, e será já considerada muita ousadia o respirar? De que forma é que os Museus devem” entrar na vida” e deixar-se perturbar pelo seu som, pelo seu fervilhar, pelas suas contradições/problemas, em suma pelo seu pulsar.

Será que a mudança na Museologia não é uma evolução natural dos nossos tempos? Até quando o medo da mudança? Até quando manter autoritariamente o silêncio e o intocável, como a melhor forma de não sermos postos em causa?

Adaptando uma frase de Henri Pirenne, somos museólogos e não antiquários, por isso amamos a vida. Assim, é com esta que devemos estabelecer um compromisso e não com a morte (mensagem que Mário Chagas magnificamente nos trouxe de tão longe...)

Partamos pois, acompanhados pelos vivos e, permitamos que a museologia nos dê as mãos.

EVOLUÇÃO MUSEOLÓGICA / EVOLUÇÃO HISTORIOGRÁFICA

É necessário uma *“tomada de consciência pelos museus da situação presente e da necessidade destes desempenharem um papel decisivo num mundo em transformação”* Declaração de Santiago do Chile

“A história é filha do seu tempo” F. Braudel

“Os Annales mudam porque tudo à sua volta muda: os homens, as coisas, numa palavra, o mundo” L. Febvre

O pensamento museológico pode ser aprofundado se for analisado em termos interdisciplinares . Não podemos esquecer que a emergência de múltiplas ciências humanas e sociais no início do séc.XX, abre o caminho à interdisciplinaridade, possibilitando a troca de conceitos e metodologias. A museologia e a história assistiram neste século a um desenvolvimento paralelo (como podemos ver nas tabelas cronológicas em anexo), e ambas são fruto das mudanças na sociedade.

Com efeito, o séc.XX está a ser uma época de profundas transformações. A partir da Segunda Guerra mundial, o mundo conheceu um espectacular progresso científico e técnico. Surge a electrónica, impõe-se o poder nuclear, conquista-se o espaço, fazem-se grandes progressos na bioquímica e na medicina (ver cronologia - mudanças sociais). A cultura democratiza-se, tornando-se acessível às populações. Para isso contribuíram sem dúvida, o alargamento da escolaridade obrigatória, a acção da imprensa, rádio, cinema e televisão. Mas, os mass media podem também manipular os cidadãos, que se desejam livres e independentes. As últimas décadas têm lançado constantes desafios ao homem que, na eterna busca da felicidade, questiona valores éticos e religiosos, sistemas ideológicos e políticos.

Muitas foram as experiências literárias e artísticas verificadas no mundo desde a década de 50. Perante a diversidade cultural,

importa valorizar o património local e nacional, pois, é ele que nos consciencializa para a nossa identidade cultural.

A museologia e a história foram-se adaptando a estas mudanças na sociedade, através de um processo de alteração epistemológico.

Os museus tradicionais produzidos por uma elite e destinados a uma elite difundem a cultura e a realidade social deste grupo. Estão completamente desfasados das necessidades, preocupações e evolução da sociedade. É urgente transformar, adaptar, renovar. A nova museologia vai assim surgir por uma crítica à museologia tradicional. No pós - Guerra Georges Henri Rivière, revoluciona o mundo da museologia ao defender que a população se deve tornar parte integrante da instituição - museu e da sua organização. Os consumidores / visitantes serão os próprios actores das actividades museológicas, sendo os grandes motores da mudança.

O museu vai reflectir as suas preocupações / necessidades / desejos / angústias, mas também as suas alegrias e sobretudo a sua transformação. “O homem objecto da aventura museográfica, é para Rivière um ser vivo, criador, herdeiro, responsável de uma tradição”¹, e não será ele o melhor transmissor dessa herança?

A participação da comunidade no novo museu, acaba com o discurso unívoco em termos museográficos, e esta é uma preocupação que irá acompanhar este final de século, como o comprova a Declaração de Oaxtepec (1984): “a participação comunitária evita as dificuldades de comunicação características do monólogo museográfico, empreendido pelo especialista”. Assim, a população deve acompanhar todas as etapas, desde a formação de um museu até à sua “actuação”, mantendo um diálogo aberto com todo o meio envolvente, indo ao encontro dos seus problemas.

Nesta perspectiva o museu deixa de ser considerado um fim, para passar a ser um meio, em que existe uma interacção profunda entre ele e o mundo em transformação. O museu é, pois um instrumento cultural ao serviço da população. Os membros de uma comunidade são os principais responsáveis do museu, definindo-se como parte activa do mesmo. E, este processo, reflecte a identidade de cada comunidade. Por isso não existem dois museus locais iguais,

visto serem fruto de “gentes diferentes”. Em vez dos objectos como elemento central da museologia é o homem criador / guardador / destruidor de objectos.

O privilegiar do factor humano é também uma realidade em termos de nova história, pois, esta é a “ciência dos homens no tempo”². Nesta frase sintetizam-se duas mudanças importantes: por um lado os protagonistas da história são os homens e não homem, e por outro o homem é fruto do seu tempo, e só pode ser entendido enquanto tal. “O homem medida da história, sua única medida. Muito mais do que isso a sua razão de ser”³. O ser humano que sente, que pensa, que sofre, que age, é o centro das preocupações do historiador. Ao colocar o homem no centro das atenções e tal como a nova museologia, ao apresentar-se como projecção dos problemas da actualidade, a história assume uma função social, organizando o estudo do passado em função do presente. Assim, a compreensão histórica ocorre sempre no diálogo passado / presente e vice-versa.

Objecto Museológico / Objecto Histórico

“Objet, qui es-tu? Un cadrage, une résistance extérieure, un concept ou tous les trois à la fois? L’objet serait constitué par le sujet, l’objet, ferait le sujet ou une dialectique subtile s’installerait entre l’objet e le sujet, le sujet e l’objet.” J. Hainard

“A diversidade dos testemunhos históricos é quase infinita. Tudo o que o homem diz ou escreve, tudo o que fabrica, tudo o que toca pode e deve informar-nos sobre ele” Marc Bloch

Já em 1946 nos estatutos do ICOM, podemos observar a preocupação em alargar as funções tradicionais da museologia, que devem ultrapassar as de conservação e educação, para se alargarem a práticas mais vastas como o “estudo, a educação e deleite”⁴. Assim dar prazer será uma das grandes mensagens de Georges Henri Rivière. Estes pressupostos têm de estar sempre associados visto que, sem

prazer, dificilmente atingiremos o conhecimento, pois ele torna-se uma imposição e não uma adopção e, como tal será rapidamente esquecido. “ No processo de aprendizagem, só aprende verdadeiramente aquele que se apropria do aprendido, transformando-o em apreendido, com o que pode por isso mesmo reinventá-lo”⁵. O conhecimento tem de dar prazer. Para atingir este objectivo os museus (instituição em perpétua mutação) têm de se adaptar a níveis culturais muito diferentes, tentando abranger o maior número de pessoas. Para isso torna-se necessário utilizar cada vez mais, as técnicas de comunicação mais modernas (reprodução de imagem e som) para expor ideias, não expondo obrigatoriamente os objectos.

Contrariando uma museologia tradicional o museu-programa opõe-se assim ao museu-colecção e o museu-discurso opõe-se ao museu-objecto. O “museu não é um «bric a brac» mas um local onde se expõem mais ideias que coisas.”⁶. Assim, torna-se possível partir de um museu do nada (museus das ideias) desde que haja um problema a resolver, desde que haja uma ideia. A partir dela pode organizar-se uma exposição, com o objectivo de comunicar mensagens a um máximo de pessoas. “Uma exposição não se improvisa. Ela funda-se sobre imperativos científicos, que determinam um programa e um projecto. Todavia, programa e projecto (...) devem saber destacar os valores inerentes à comunidade em que se inserem, como situar-se no âmbito das suas necessidades.”⁷. Os objectos vão apenas servir como meio ao serviço das nossas interrogações / problemas / ideias e não serão nunca um fim em si, caso contrário teremos um museu - armazém (organizado, mas , contudo armazém). Um objecto não pode ser exposto sem explicação adicional, apesar desta dever ser sucinta e assumir as formas mais variadas.

É imperativo contextualizar os objectos, pois só assim eles, podem transmitir uma informação e um sentido à sociedade actual. “ a relação homem/objecto é uma relação aberta, dinâmica, dialéctica, na qual o homem se conhece e se reconhece.”⁸ Como testemunho da vida humana, eles só fazem algum sentido em contexto. É preciso fazer falar os objectos. Não interessa dizer “ali está uma chávena” pois, o discurso museológico deve ser discutido e não contemplativo: qual o

significado das peças? porque estão aí? qual o seu percurso? A exposição tem de ser participativa, levando sempre ao questionamento e abrindo novas perspectivas. As leituras críticas e a multiplicidade de leituras, são uma das conquistas da nova museologia que deveremos ter sempre presente. O objecto passa a ser entendido como produtor de conhecimento. A dimensão pedagógica do museu tem de ser originada a partir do seu interior, através de todo o fazer museológico, procurando sempre a sua função educativa.

Esta necessidade de contextualização do objecto fruto de uma nova prática museográfica é também o reflexo das mudanças sociais operadas neste século. A mundialização dos acontecimentos faz com que eles só sejam entendidos pelo mundo quando inseridos no ambiente que lhes deu origem, pois têm significados diferentes dependendo do espaço / tempo em que ocorreram. A influência da etnografia assim, como a renovação da história, foram fundamentais na nova leitura do objecto que se expõe. A história como ciência tem de generalizar e explicar, recorrendo para isso à conceptualização. Qualquer confronto de dados, qualquer situação, só adquire sentido quando integrado.

Tal como na história e na “vida” a contextualização levanta alguns problemas um dos quais é o de que os objectos têm várias histórias, vários contextos e que poder temos nós para os “congelar” num único? Devemos “evitar que o possível passe a valer como exclusivo”⁹ permitindo sim, a mobilização dos objectos, transpondo-os nos diversos sentidos que podem ser historicamente apreendidos. No fundo trata-se de não cristalizar um objecto num contexto, mas fazê-lo “circular” pelos vários ambientes possíveis, admitindo que toda a “contextualização” é precária, pois a distância temporal não pode ser esquecida.

Como na nova história, também na nova museologia, se dá o alargamento da noção de objecto/documento. Anna Grégorova chama a atenção para este facto “ a museologia é uma ciência que examina as relações específicas do homem com a realidade e consiste na colecção e conservação consciente e sistemática e na utilização científica, cultural e educativa dos objectos inanimados, materiais, móveis

(sobretudo tridimensionais) que documentam o desenvolvimento da natureza e da sociedade.”¹⁰ Assim, o documento é todo o tipo de património que nos elucida sobre o homem e as suas relações com o meio. Os testemunhos podem não ser objectos concretos (os mitos, a poesia, a música, a dança, os ritos, etc.). Para designar o conjunto de testemunhos musealisáveis, o museólogo alemão K. Schreiner adopta o termo “musealia”. Esta extensão do campo museológico, conduz necessariamente à interdisciplinaridade. Cada vez mais num trabalho de museu, todos dependem de todos, pois, este torna-se centro de tratamento e análise de tudo o que é museável (universo e sociedade). A museologia tende a ser global. Não nos devemos aprisionar à ideia de preservação, pois, o tempo flui. É muito mais importante preservar as técnicas de fabrico do que manter inerte a própria peça.

Para Marc Bloch e Lucien Febvre a história deve ser problemática, isto é, colocar interrogações e formular hipóteses às quais os documentos irão posteriormente responder. A história é, sempre escolha, por isso o facto é sempre criado, ou melhor, recriado. Deste modo, os problemas e hipóteses de explicação reflectem sempre, de forma mais ou menos directa, o cenário em que o historiador se move. Embora reconhecendo a validade da erudição crítica, exprime-se um novo conceito de documento, ou seja todo o tipo de vestígios da presença humana. A história faz-se “com tudo o que sendo próprio do homem, dele depende, lhe serve, o exprime, torna significativa a sua presença, actividade, gostos e maneiras de ser”¹¹. Este alargamento do campo do documento histórico visa o alargamento do objecto da história que se pretende total.

Em 1974 publica-se em França uma obra colectiva dirigida por Jacques Le Goff e Pierre Nora: *Fazer História*. Observa-se aqui a necessidade de a história acompanhar os novos problemas, as novas contribuições e novos objectos entretanto surgidos no campo epistemológico desta ciência. Surge a história das mentalidades que vem alargar os campos temáticos da história, e obriga o historiador a estudar o não revelado: “os silêncios da história”. Também estes devem ser questionados porque aí se encontram traços significativos que permitem um estudo mais aprofundado das sociedades passadas

(é a chamada revolução documental). Através do recurso à interdisciplinaridade e com o contributo dado sobretudo pela etnologia e pela antropologia, permite que se faça a história dos “povos sem história”. Esta mudança observa-se também na museologia, como tivemos ocasião de verificar. Com efeito, dá-se uma importância cada vez maior aos países de terceiro mundo e às artes e tradições populares (já em 1937 havia sido criado o Museu do Homem e o Museu das Artes e Tradições Populares).

Podemos facilmente fazer um paralelo com o alargamento da noção de objecto para a nova museologia, pois ambas pretendem abarcar tudo o que diz respeito ao homem, não privilegiando raças, culturas, formas de estar, mas considerando que tudo pode ser musealizado e objecto de estudo do historiador.

Em minha opinião, o alargamento no campo do objecto / documento está intimamente relacionado com o nascimento dos ecomuseus. O âmbito do olhar do museólogo, tornou-se mais abrangente ultrapassando o enclausuramento das paredes do “seu” museu e conclui que este se prolonga no meio envolvente. Os objectos tornam-se mais compreensíveis se inseridos no espaço onde se encontraram. Defende-se a conservação “in situ”. As relações do homem com a natureza devem pois, procurar uma dimensão diacrónica e sincrónica. O nascimento dos ecomuseus, está também sem dúvida ligado às transformações da sociedade francesa dos anos 60, visto que por um lado uma política de reorganização do território vai criar as condições favoráveis à sua realização e por outro, porque os ecomuseus se vão alimentar das preocupações da sociedade. Criam-se nos finais dos anos 60 os parques naturais e regionais que conduzem a uma renovação económica fundada no desenvolvimento turístico, pela valorização do meio rural (o mito do retorno à terra no Maio de 68; o ressurgimento de culturas tradicionais ou minoritárias). Paralelamente os mesmos “autores” dos ecomuseus Georges Henri Rivière e Hugues de Varine Bohan desenvolvem o conceito de museu integral, que são os museus ao serviço das pequenas comunidades locais e regionais.

Função do Museólogo / Função do Historiador

A formação dos trabalhadores dos museus *“ deve possibilitar-lhes o desempenho de uma tarefa de interdisciplinaridade própria do museu actual dando-lhe ao mesmo tempo elementos indispensáveis para exercer uma liderança social, uma gerência efectiva e uma comunicação acertada”* Declaração de Caracas

“ A ciência não se faz numa torre de marfim. Faz-se a par e passo com a vida, e através de seres vivos que mergulham no século.” L. Febvre

Se o mundo muda e se assistimos a uma nova concepção museológica em que a interdisciplinaridade sobretudo a nível das ciências humanas é o fundamento e a sobrevivência deste novo museu, então o técnico de museologia tem forçosamente de acompanhar esta mudança. “ Se limitarmos o papel de conservador ao técnico que tem por funções inventariar, conservar e expor as colecções está obviamente desajustado deste novo museu. Tal como se deu uma transformação ao nível dos objectos da museologia, têm também que operar-se transformações ao nível das mentalidades e formação de técnicos de museus.”¹²

O museólogo tem de :

- a) “conciliar novas formas de gestão dos recursos à sua disposição com uma profunda democratização da sua utilização”.¹³
- b) ser um investigador da comunidade local, em que o museu está inserido para fazer a interacção museu / realidade local / problemas a resolver.
- c) conceber e aproveitar os recursos e espaços disponíveis, envolvendo assim, os utilizadores do museu com as exposições concebidas. O diálogo museográfico depende em grande parte desta transformação.

d) deve ser um versátil transformador de espaços, objectos, exposições, mensagens, tendo sempre o cuidado de não cair na exposição espectáculo que poderá desvirtuar pelo show a mensagem transmitida.

A profissão de museólogo é, de facto transdisciplinar mas este, deve cada vez menos actuar sozinho. O contributo de todos para um mesmo produto final é fundamental para levar a bom termo a mensagem a transmitir.

Paralelamente a atitude do historiador relativamente ao “fazer história” também se vai alterando:

a) vai procurar um diálogo com as outras ciências.

b) privilegiam a história - problema.

c) desenvolvem uma verdadeira revolução ao nível do alargamento do campo do documento histórico.

d) promovem um outro tipo de história que contemple novos problemas (o quantitativo em história, a história conceptualizante, a história antes da escrita, etc.) e novas abordagens (economia, demografia, antropologia religiosa, etc.) e novos objectos (o mito, a língua, os livros, os jovens, a festa, a opinião pública, a cozinha, etc)

e) tentam a deseuropeização da história pondo fim ao etnocentrismo.

Para toda esta mudança, não poderemos esquecer o contributo das grandes mudanças na sociedade. As consequências das guerras colocam à história alguns desafios, pois, esta deve servir para perpetuar a identidade dos povos, nações, regiões (tal como os museus). Por outro lado os media criaram um novo acontecimento e um novo estatuto do acontecimento histórico. Este facto veio comprometer a validade de uma verdade histórica. Especialmente o acontecimento televisivo, pelo impacto que produz no espectador, impõe-se mais pelas qualidades emocionais que a própria encenação

lhe empresta, do que pelo significado que inicialmente continha. Os mass media impõem o vivido como histórico, recorrendo aos historiadores para a explicação dos acontecimentos no momento em que é criado. Assim, as solicitações dos media fizeram entrar a produção histórica no movimento da sociedade de consumo.

CONCLUSÃO

Ao concluir este trabalho cabe-nos ressaltar algumas ideias chave, na relação nova museologia / nova história e seu acompanhamento na evolução da sociedade:

a) as mudanças na nova museologia e na nova história são um processo paralelo ocorrendo inicialmente num mesmo espaço (França) e tempo (meados do séc. XX).

b) assiste-se em ambos os casos à mudança profunda dos princípios museográficos e historiográficos, pelo necessidade que existe da sua articulação com a vida.

c) a concepção de objecto museográfico e historiográfico alarga-se quase até ao “infinito”, operando uma verdadeira revolução ao nível destas ciências.

d) necessariamente o papel do museólogo e do historiador alterou-se, abrindo cada vez mais o seu trabalho à interdisciplinaridade.

e) apesar destas mudanças profundas, é com alguma tristeza que verificamos o “autismo” dos conservadores que evitam a sua passagem a museólogos, e com isto negam a mudança.

ANEXOS

EVOLUÇÃO MUSEAL

Pós-Guerra - Georges Henri Rivière - “revolução museológica” defende que a população se deve tornar parte integrante da instituição/museu e da sua organização.

1946 - Criação do ICOM associado à UNESCO. Definição de Museu adoptado nos estatutos do ICOM - artº 3º: “Toda a instituição permanente que conserva e apresenta colecções de objectos de carácter cultural ou científico, com o objectivo do seu estudo, educação e deleite.”

Anos 60 - Hugues de Varine Bohan - Conceito de Museu Integral. Com Georges Henri Rivière cria o conceito de ecomuseu.

1965 - Criação da APOM (Associação Portuguesa de Museologia)

1971 - IX Conferência Geral do ICOM. “ O Museu ao Serviço do Homem. Actividade e futuro

1972 - Mesa Redonda de Santiago do Chile

1972 - Iº Congresso Internacional da Associação dos Amigos dos Museus - Barcelona (defesa dos valores do Museu).

1974 - ICOM define Museu como: “ uma instituição ao serviço da sociedade, que adquire, conserva, comunica e apresenta, com objectivo do desenvolvimento do saber, da salvaguarda e do desenvolvimento do património, da educação e da cultura, dos bens representativos da natureza e do homem.”

1977 - Comité de Museologia do ICOM - Jean Jelinek (desenvolvem-se reflexões no que diz respeito à museologia).

1982 - Criação do ecomuseu do Seixal

1984 - Declaração do Québec

1984 - Declaração de Oaxtepec - México

1985 - Fundação do MINOM - Lisboa

1986 - Declaração de Molinos - Espanha

1987 - IIIº Atelier Internacional da Nova Museologia - Aragão - René Rivard

1988 - Primeiras Jornadas sobre a Função Social do Museu - Portugal

1992 - Declaração de Caracas

A CIÊNCIA HISTÓRICA ACTUAL

Início do séc. XX - crise da ciência e crise da História - o discurso científico entra em ruptura. A História questiona a sua função e a sua metodologia.

1900 - Henri Berr funda a *Révue de Synthèse Historique* onde participam sociólogos, geógrafos, filósofos, economistas, psicólogos e historiadores).

1920 - Henri Berr lança a obra *L' Evolution de l'Humanité*.

1922 - Integrada na *L'Évolution de l'Humanité* surge com a participação de Lucien Febvre "A terra e a evolução da Humanidade" (ponte entre a História e a Geografia, chamando à atenção para a procura simultânea do espaço e do tempo).

1929 - Relançamento de uma nova historiografia - Estrasburgo - Surge a revista. *Les Annales d'Histoire Économique et Sociale*, dirigida por Lucien Febvre e Marc Bloch. Começa aqui a primeira geração dos Annales que se situa entre 1929 e 1946, para além destes

directores fazem parte da equipa: sociólogos, geógrafos, politicólogos. Privilegia-se a história económica, domínio quase abandonado pela história tradicional. Não é por acaso que este movimento surge em 1929. Os Annales preparam e precedem uma ruptura acentuada pela crise mundial e pela tomada de consciência que esta provoca nos seus contemporâneos.

1932 - François Simiand - economista , escreve *Les fluctuations économiques à longue période et la crise mondiale*, onde defende uma história serial a partir dos preços.

1936 - A revista *Les Annales*, troca Estrasburgo por Paris.

1941 - Marc Bloch escreve *Apologie pour l'Histoire ou métier d'Historien*. Chama a atenção para a interacção entre passado e presente "se eu fosse um antiquário só teria olhos para as coisas velhas. Mas sou um historiador. É por isso que amo a vida". Defende que a " História é a ciência dos homens no tempo".

1942 - Lucien Febvre escreve o *Problema da descrença no séc. XVI, a religião de Rabelais*.

1944 - Marc Bloch é fuzilado pelos Alemães deixando a sua obra

inacabada.

Pós-guerra - Fundação da VIª Secção da Escola Prática dos Estudos Superiores (mais tarde Escola dos Estudos Superiores de Ciências Sociais). A História passa a ser transmitida pelo ensino pela investigação, pela discussão.

1946 - A revista passa a ter um título plural: *Annales. Économies. Sociétés. Civilisations.*, fruto das mudanças operadas com as consequências da Segunda Guerra Mundial (fim do predomínio europeu face a outros continentes) e a defesa de que o seu campo de acção se deve alargar à totalidade dos factos que constituem uma civilização. Mantém-se a direcção (de onde já não faz parte Marc Bloch), mas associa-se uma nova equipa: F. Braudel, G. Friedman, Ch. Morazé, e P. Leuillot. Será o início da Segunda Geração dos Annales que se prolonga até aos anos 70. Inflecte-se a orientação da história económica e social para a história das mentalidades. Diz-nos Lucien Febvre “Os Annales mudam porque tudo à sua volta muda: os homens, as coisas, numa palavra o mundo” *Combates pela História*, p. 42

1949 - Fernand Braudel publica *O Mediterrâneo e o mundo mediterrânico na época de Filipe II*. Chama a atenção para o tempo em História.

1950 - As séries tornam-se demográficas e sociais.

1952 - Surge a revista britânica *Past and Present* onde são apresentados os problemas da história nova.

1953 - Lucien Febvre publica os *Combates pela História* onde defende a necessidade de comprometimento do homem na construção do mundo. Chama também à atenção para o novo conceito de documento em História. Documento é tudo o que “pertencendo ao homem, depende do homem, serve o homem, exprime o homem, significa a presença, a actividade, os gostos e as maneiras de ser do homem”

1956 - Morre Lucien Febvre.

1957 - É lançada a revista anglo- americana *Comparative Studies in Sociology and History*, que contribui para a renovação da história social em sentido lato.

Anos 60 - A história serial aplica-se à história das culturas e das

mentalidades.

1968 - Começam a privilegiar a história dos “marginais” e a “história dos povos sem história” (dando-se clara preponderância ao Terceiro Mundo).

1969 - Os Annales são confiados a uma nova equipa: André Burguière, Marc Ferro, Jacques Le Goff, Emmanuel Le Roy Ladurie e Jacques Revel (é o início da terceira geração dos Annales).

1974 - Michele Vovelle publica: *Mourir autrefois; attitudes collectives devant la mort XVII et XVIII siècles*, onde se protagoniza a história das mentalidades.

1974 - é publicada uma obra colectiva dirigida por Jacques Le Goff e Pierre Nora: *Faire l'Histoire nouveaux problèmes*. Promove-se um outro tipo de História que contemple os novos problemas, novas contribuições e novos objectos entretanto surgidos no campo epistemológico desta ciência, e que até aqui estavam reservados à antropologia (alimentação, corpo, gestos, imagens, livros, mito, sexo, etc.).

1975 - Emmanuel Le Roy Ladurie publica *Montaillou, village occitan de 1294 à 1324*, onde está expresso o desejo totalizante da história nova.

1978 - É publicada *La Nouvelle Histoire* - “dicionário” que pretende dar a conhecer a um largo público as mais modernas orientações da História. Descrevem-se aqui as conquistas mas também os problemas e as incertezas. “É uma obra simultaneamente informativa e comprometida” Jacques Le Goff.

MUDANÇAS NA SOCIEDADE

- 1910 - Portugal: implantação da República.
- 1914 - Atentado de Sarajevo: eclosão da Primeira Guerra Mundial.
- 1917 - Revolução Socialista Soviética.
- 1918 - Proclamação da República na Alemanha.
- 1919 - Tratado de Versalhes: termo da Primeira Guerra Mundial.
 - Fundação da Sociedade das Nações.
 - Fundação do Partido Nazi.
- 1920 - Difusão dos primeiros programas radiofónicos.
- 1922 - Criação da U.R.S.S.
- 1926 - Fim da Primeira República Portuguesa.
- 1933 - Hitler no poder
- 1935 - Descoberta do radar.
- 1939 - A Alemanha invade a Polónia: início da Segunda Guerra Mundial.
 - Morte de Freud.
- 1945 - Criação da ONU.
 - Suicídio de Hitler.
 - Fuzilamento de Mussolini.
 - Fim da Segunda Guerra Mundial.
 - Independência do Vietname.
- 1947 - Independência da Índia e do Ceilão.
- 1948 - ONU: Declaração Universal dos Direitos do Homem.
- 1949 - A União Soviética fabrica a bomba atómica.
- 1950 - Início da Guerra Fria.
- 1954 - 45 - O fim do Colonialismo em África.
- 1957 - Lançamento do primeiro foguetão intercontinental soviético.
- 1959 - Revolução Cubana: Fidel Castro no poder.
- 1960 - Descoberta dos lasers.
- 1966 - Revolução Cultural da China.
- 1968 - Maio em Paris.
- 1973 - Golpe militar no Chile: morte de Salvador Allende.
- 1974 - Queda do Estado Novo - 25 de Abril.
- 1978 - Nasce o Sistema Monetário Europeu.

- 1986 - Polónia: libertação dos presos políticos.
- Portugal e Espanha entram na C.E.E.
- “Voyager II”: primeiras fotografias de Urano.
- 1989 - Queda do muro de Berlim.
- 1990 - Nelson Mandela é libertado na África do Sul.
- Gorbatchov, nobel da Paz.
- 1991 - Fim da U.R.S.S.
- Guerra do Golfo.
- 1992 - Início da ECO/92 no Rio de Janeiro.

BIBLIOGRAFIA

- AA.VV., *A Nova História*, Coimbra, Almedina, 1990
- AA. VV. *La Muséologie selon Georges Henri Rivière*, Paris, Dunod, 1987
- BLOCH, Marc, *Introdução à História*, Lisboa, E. A. , 1976
- BRAUDEL, *História e Ciências Sociais*, Lisboa, Presença, 1976
- CHAGAS, Mário, “Novos Rumos da Museologia” in *Cadernos de Museologia* nº2, U.L.H.T.
- DUBY, Georges, GEREMEK, Bronislaw, *Paixões Comuns*, Lisboa, Ed. Asa, 1993
- FEBVRE, Lucien, *Combates pela História*, Lisboa, Presença, 1977
- FREIRE, Paulo, *Extensão ou Comunicação*, Rio de Janeiro, 1990
- GOFF, Jacques Le, *Reflexões sobre a História*, Lisboa, Ed.70, s.d.
- GOFF, Jacques Le, et all, *A Nova História*, Lisboa, Ed.70, 1978
- HAINARD, Jacques, KAEHR, Roland, “ La revanche du conservateur”. *Objets Prétextes, Objets Manipulés*, Musée d’Etnographie, 1984
- MENESES, Ulpiano Bezerra, “A exposição museológica: reflexões sobre os pontos críticos na prática contemporânea.” Simpósio - *O processo de comunicação dos museus de Arqueologia e Etnologia*, Univ. de S. Paulo, 1993
- MENSCH, Peter Van, “Muséologie et musées”, in *Nouvelles de L’ICOM*, vol.41, nº3, 1988
- MOUTINHO, Mário, *Museus e Sociedade*, Museu Etnológico de

- Monte Redondo, *Cadernos de Património*, nº 5, 1989
- NABAIS, António, “Museologia, Museografia, Museus ... “ in *ALMADAN*, nº3, 1984
- NASCIMENTO, Rosana, “A Historicidade do Objecto Museológico”, in *Cadernos Museológicos* nº3, U.L.H.T., 1994
- ROMANO, Ruggiero, *Enciclopédia Einaudi*, “ Vol. 1 - Memória / História” Lisboa, I.N.C.M., 1984
- TRINDADE, Maria Beatriz Rocha (coord.), *Iniciação à Museologia*, U.A. 1993
- VARINE, Hugues de ,” La Participation de la Population”, *III Jornadas sobre a função social do Museu*, MINOM, Monte Redondo, 1990
- Cadernos do MINOM*, Texto de Museologia, Jornadas sobre a função Social do Museu, nº1, 1991
- Cadernos de Museologia*, nº1, 1991

NOTAS

- 1) H. de VARINE, “La participation de la Population - Principes” in *La museologie selon Georges Henri Rivière*, p. 313
- 2) Marc BLOCH, *Introdução à História*, p.28
- 3) Lucien FEBVRE, *Combates pela História*, p.159
- 4) Estatutos do ICOM, 1946, artº 3º
- 5) Paulo FREIRE, *Extensão ou Comunicação*, p.13
- 6) *La museologie selon G.H.Rivière*, p. 350
- 7) Luis Meneses, “O primado do discurso sobre o efeito decorativo”, *Cadernos de Museologia*, nº1, p. 29
- 8) Waldisa RUSSIO, “Conceito de cultura e a sua interrelação com o património cultural e a preservação”, *Cadernos de Museologia* nº3, p. 11
- 9) Ulpiano B. de MENESES, “ A exposição museológica...”, p.8
- 10) *La museologie selon G.H. Rivière*, p. 359
- 11) Lucien FEBVRE, *Combates pela História*, p.24
- 12) Ana Maria LOUSADA, “Conservador e museólogo: abordagem de conceitos” in *Cadernos de Museologia* nº1, p. 44

13) José Manuel BRANDÃO, “Conservador e museólogo: abordagem de conceitos” in Cadernos de Museologia, nº1, p.40